

A ponte, por paisagem

Um jardim bem cuidado, os três arcos de concreto sobre as águas do Lago compõem uma vista que alcança até a Torre Digital. De casa, Ronaldo Caiubí acompanha as mudanças da cidade desde os anos 1980

» ALINE BRAVIM

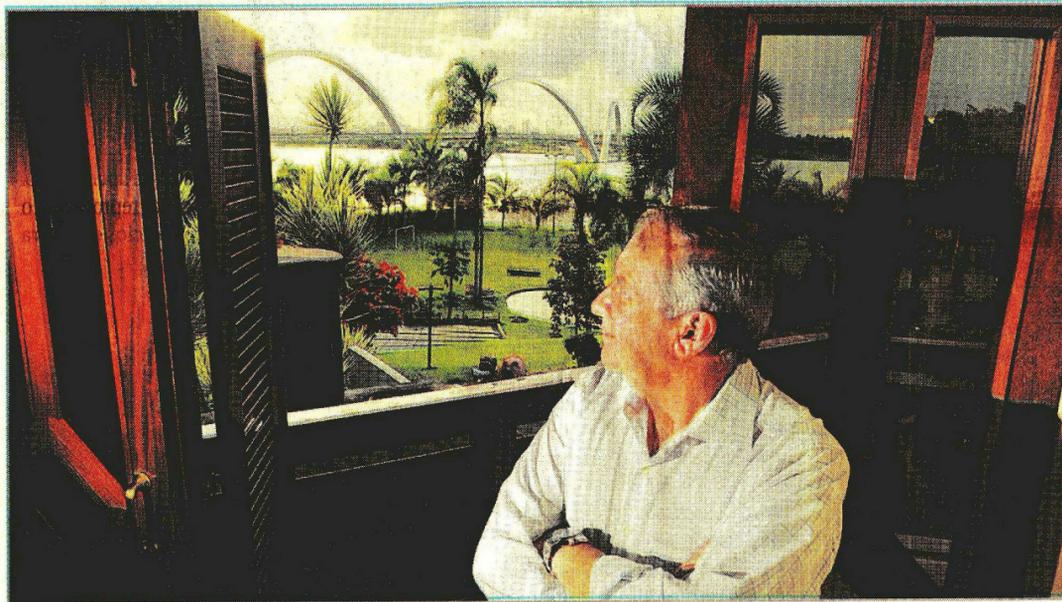
Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press

Quem não gostaria de morar às margens de um cartão postal da capital federal? O engenheiro civil e empresário Ronaldo Caiubí Barros tem essa sorte de dar inveja a muitos candangos. Há 23 anos, ele aproveitou a oportunidade de comprar um lote no Lago Sul, área nobre da cidade. Nem sequer imaginava o presente que ganharia na porta de sua casa 14 anos depois. A poucos metros de seu quintal foi fincada a Ponte JK, batizada em homenagem ao presidente realizador dos sonhos de Dom Bosco, Juscelino Kubitschek.

Quando se abre a janela do quarto, a sensação é de que o monumento está dentro do terreno de Ronaldo. O empresário também é dono de um jardim incrível, muito bem cuidado. E, ao fundo, como em um quadro belíssimo, o Lago Paranoá.

Mas não é só isso. De uma posição privilegiada, o centro da cidade se desvenda em vários detalhes. De lá, ele observa o Clube de Golfe, por exemplo. E até o Banco Central, que fica encravado no meio do Plano Piloto, e a Torre Digital, na região do Grande Colorado, perto de Sobradinho, a muitos quilômetros de distância do seu lote.

"Eu também vejo a Torre de TV, principalmente no Natal, quando ela fica iluminada. A visão daqui é espetacular. Meu lugar predileto para eu observar é o Clube de Golfe. Parece uma minifloresta", compara o



"Nasci numa fazenda, então, isso aqui representa a minha vida"

empresário. Modesto, ele não esconde a paixão que a beleza do lugar desperta nele. "Nasci em uma fazenda, então, isso aqui representa a minha vida", completa.

Quando ouviu falar na construção da ponte, o engenheiro civil teve receio do que viria. "Achei que ia prejudicar o movimento aqui, que os carros iam fazer muito barulho. Mas não teve nenhuma mudança para pior. Só para melhor. Eu trabalho do outro lado de Brasília e, para chegar lá, eram quase 40 quilômetros. Com a obra, eu chego lá muito mais rapidamente", considera.

Como admirador da água, ele não poderia deixar de lado o fato de ter um lago enorme aos seus pés. "De vez em quando, eu passeio no lago. É muito agradável. Só de ficar perto da água me dá uma sensação muito boa", resume.

A vista não mudou muito desde a década de 1980 até hoje. "Aqui tem essa vantagem. Por ser um pouco mais afastado do centro, por ter muito verde em volta, as paisagens se preservaram", descreve o engenheiro. Ele conta que a única coisa que incomodava o visual era o esqueleto de um prédio instalado durante muitos anos ao lado da Academia de Tênis. Mais uma vez, para a sua sorte, aquele monstro acabou demolido.

O goiano nascido em Jatá não pretende sair do reduto belíssimo que construiu e que foi agraciado com o tempo. E a grandiosidade do ambiente não se limita à paisagem urbana. De sua casa, Ronaldo pode assistir, todos os dias, ao fantástico espetáculo do pôr do sol do Planalto Central.

JANELA DA 714 SUL

» ALINE BRAVIM

Com a mesma empolgação de uma criança que acabou de ganhar um doce, a senhora de 72 anos contempla a vista de seu quarto há 47 anos como se tivesse se mudado ontem. Todas as manhãs, Josélia Ferreira Kury abre as cortinas e deixa o vento e o sol invadirem os cantos. Pudera. Moradora de uma das quadras mais tradicionais da Asa Sul, a 714, ela tem a oportunidade de desfrutar de uma área verdejante em pleno centro nervoso da capital federal.

Vizinha do Setor Hospitalar, no Plano Piloto, dona Josélia possui, contraditoriamente, a sensação de estar em uma fazenda. "A vista daqui é uma beleza. Tem pé de abacate, de ameixa, de acerola. A gente sente o cheiro de mato e ouve os pássaros cantando. Parece uma roça mesmo", vibra. A descrição confere: da janela dela, bem à frente, avistam-se muitas árvores, um gramado impecável, um parquinho para crianças, casas do outro lado da rua e, para compor um ambiente variado, prédios comerciais ao lado esquerdo. E uma das avenidas mais movimentadas de Brasília, a W3 Sul.

Vinda de Campos (RJ), Josélia aprendeu a apreciar a pequena capital como um lugar muito tranquilo, semelhante a uma cidade de interior. Quando sai para passear, a dona de casa sabe o nome de um por um dos moradores ao redor. "Apesar de aqui não ter prefeitura, o pessoal se une e tudo fica preservado. Quando meus filhos eram pequenos, eles brincavam muito nesse parquinho aqui da frente. Eu quero que

outras crianças também brinquem", reivindica.

O prédio onde Josélia mora é de estilo antigo. Diferencia-se completamente dos outros que vêm surgindo em Brasília, com andares a perder de vista. O edifício é formado por apenas dois pavimentos. E, acompanhando o visual clássico, as janelas que compõem o ambiente são cheias de estilo. A moldura branca, de ferro, parece um quadro. Quem olha pela primeira vez pela janela sente um estranhamento, como se estivesse em outra cidade, ou num bosque ou num jardim monumental.

A paisagem ajuda a diluir as tristezas que Zelinha, como é mais conhecida, guarda na alma, desde que, com o marido, pisou o solo candango no começo da ditadura. "Foi horrível naquela época. Era tão assustador que, uma vez, um amigo policial que nós tínhamos veio nos visitar. Tomamos um susto quando vimos a viatura". Zelinha e o marido imaginaram que o amigo iria prendê-los.

Com 53 anos de casada, ela não esconde a admiração que tem pelo marido, o radialista Elias Kury. Josélia garante que ainda transborda criatividade para reconquistá-lo a cada Dia dos Namorados. "Todo ano eu o homenageio. Ano passado, tirei uma foto sensual e mandei fazer um quadro", conta, bem-humorada. Segundo ela, o ambiente em que moram a inspira. "É muito gostoso aqui. Quando chove, é ótimo ficar vendo a água caindo".

Em meio a avenidas, prédios empresariais, hospitais, escolas e muito tráfego de veículos e estacionamentos, a 714 Sul é uma quadra residencial que conseguiu preservar a característica bucólica que Lucio Costa planejou para Brasília.

